

Hipotireoidismo é a doença endócrina mais comum de cães. A deficiência de hormônios tireoidianos leva a sinais clínicos difusos, variáveis, freqüentemente inespecíficos e raras vezes patognomônicos. A hipercolesterolemia é um achado presente em até 85% dos casos, sendo considerado um importante exame de triagem em pacientes suspeitos. O objetivo deste trabalho foi determinar a prevalência de hipercolesterolemia em cães com hipotireoidismo frente a três diferentes valores de referência para o colesterol. Foram avaliados 52 cães com diagnóstico confirmado para hipotireoidismo. A idade média ao diagnóstico foi de $8,4 \pm 3,13$ anos (de 2 a 15 anos), sendo 59% fêmeas e 41% machos. Cães sem raça definida representaram 21% dos casos, seguidos das raças Beagle (19%) e Dashchund (13%) como as mais freqüentes. Outras 15 raças foram computadas. Cinquenta casos (96%) tinham colesterol determinado no momento do diagnóstico (média $290,6 \pm 130,4$ mg/dL variando de 109 a 636 mg/dL). Foram usados 3 pontos de corte encontrados na literatura para determinação de hipercolesterolemia: 1) >200 mg/dL, 2) >270 mg/dL e 3) >359 mg/dL. Frente ao valor 1 foi encontrada uma freqüência de 74% de hipercolesterolemia, ao passo que, em relação aos valores 2 e 3 a freqüência foi de 44% e 28% respectivamente. Quarenta pacientes (77%) receberam o diagnóstico baseado na determinação de T4 livre por diálise (fdT4) por radioimunoensaio (média $0,44 \pm 0,3$ ng/dL variando de 0,01 a 1,01 ng/dL). A análise de correlação de Pearson não evidenciou associação significativa entre valores de fdT4 e colesterol ($r = -0,1$; $p = 0,501$). O estudo concluiu, portanto, não haver associação entre valores séricos de colesterol e fdT4. Além disso, o uso de valores de referência menos tolerantes para avaliação da hipercolesterolemia (>200 mg/dL) parece mais apropriado para a avaliação inicial de um cão suspeito de hipotireoidismo.